



MR FUSION

Rodrigo Torres

SIM Galeria São Paulo

MR FUSION

Rodrigo Torres

abertura

sábado, 28 de julho às 11h

28 julho a 25 agosto 2018

opening

saturday, july 28, 11 am

july 28 - august 25 2018

SIM GALERIA

são paulo

rua sarandi, 113 a

01414-010 | são paulo | brasil

info@simgaleria.com

simgaleria.com

Rodrigo Torres | Neolítico Express - Tinta acrílica e verniz sobre cerâmica parcialmente esmaltada, 29 x 24 x 25,5 cm, 2018
Acrylic paint and varnish on partially enameled ceramics

Os trabalhos da série *Neolítico Express*, de Rodrigo Torres, estabelecem um diálogo curioso com a tradição: consagram, através de uma profanação minuciosa, a ambiguidade entre a obra intrínseca e extrínseca que marca nossa experiência com a arte contemporânea. No caso, a familiaridade com itens valiosos, num contexto decorativo ou museológico, é discutida em um processo de ruptura com o esperado ponto de vista reverente, aquele certo de encontrar ali algo de cujo núcleo emana uma verdade e beleza integral, para ser problematizado quanto a um desenvolvimento particular da escultura no Brasil: o estremecimento das bases de uma autonomia, a partir da conclamação da cumplicidade diante de um estágio intermediário em que nada deveria ser visto como autêntico ou acabado de antemão.

Podemos pensar de início nos *Bólides* de Oiticica, no fato de que levam, desde o início da década de 1960, a uma relação renovada do público com o objeto, de outra forma, do participante com uma obra, que é simultaneamente um dispositivo sensorial e conceitual a ser acionado em um segundo estágio de aproximação. Ele participa no sentido de adensar a experiência ótica com uma camada de injunções às vezes precárias que culminam em significativas reconsiderações. E, principalmente, imagina que não há um único vetor construtivo que faz o artista produzir um objeto em uma totalidade que se mostra irreduzível, mas um processo com idas e vindas que equaliza a posição de todos em um patamar. Nele o criador se constitui por um espelhamento instantâneo em uma criatura que reivindica seu lugar também como sujeito incompleto.

Mais recentemente, os *Phanógrafos de projeção e deposição* (2010), de Tunga, também se estruturaram a partir de um recipiente, vasos de cristal Baccarat, contidos por caixas articuladas que encerram sua gênese e seu funcionamento implícito. A origem desse fenômeno tange a compreensão de um princípio criativo que se afiança no onírico, superando embates voltados para a subtração de material, substituindo-os por encontros mágicos com o que está ali dado, como se aproveitasse o vácuo deixado pelo fato do *ready-made* ser, antes de mais nada, uma peça de cerâmica que surgiu no mundo da arte inadvertidamente. Nos *Phanógrafos*, a equação experimental se apresenta a partir do ficcional, estruturas que sempre comportam um segundo núcleo que irradia cor e materialidade furtiva, pois o objeto central também não se mostra integralmente, e sua cota obscura se preenche pela ansiedade de se conjugar delicadeza e brutalidade.

As ânforas de Rodrigo não contêm, não são recipiente, mas o conteúdo parcialmente embalado por um invólucro que se distanciaria no tempo do artefato encontrado pelo arqueólogo. Ali, a máxima minimalista em torno de um cubo anódino, de que "você vê o que você vê", abre-se em um ciclo de perguntas e respostas bem menos tautológicas: não vemos tudo, e as partes nunca se equivalem, depondo o equilíbrio formal, calçando-o na gravidade, no equilíbrio real de um vaso sobre um balde, dentro de uma caixa ou sobre a mesa.

Produzidas e finalizadas em seu estúdio na Fábrica Bhering, no Rio de Janeiro, lugar onde doces eram industrializados, longe de seus ancestrais chineses e gregos, as ânforas demonstram não apenas quebrar a redoma que instaura a obra em uma temporalidade especial que se destaca da cotidiana, mas também eternizar o momento em que esses dois tempos se encontram, quando desembalamos ou embalamos algo, quando encontramos algo que vem, através de uma lição de Joseph Beuys, reforçar potencialidades metafísicas da matéria – títulos desmentidos por legendas induzem a uma manipulação virtual que ocorre, então, junto à observação atenta das propriedades de uma objectualidade que se instaura no provisório.

A argila primordial que amalgama o isopor, o papelão, a fita adesiva, resquícios de líquidos já vertidos ou a se verter, incorpora o mimetismo que engloba a pintura, que de fato reveste as peças e o que parece ser o papelão areado esculpido escrupulosamente para que pareça ser aquilo em definitivo. Como se estivesse mesmo em trânsito, inviolada por alguém, acondicionada anonimamente por outro, cada uma delas se mostra em um pedestal neutro, na galeria, que sustenta outro suporte: a escultura como plataforma para o pensamento a respeito da preciosidade de sua incongruência e seu fascínio atual.



Neolítico Express, 2018

tinta acrílica e verniz sobre cerâmica parcialmente esmaltada

acrylic paint and varnish on partially enameled ceramics

31 x 25 x 25 cm

FRAGIL



Neolítico Express, 2018

tinta acrílica e verniz sobre cerâmica parcialmente esmaltada, vidro
acrylic paint and varnish on partially enameled ceramics, glass
37 x 28 x 28 cm



Neolítico Express, 2018

tinta acrílica e verniz sobre cerâmica
acrylic paint and varnish on ceramics
28 x 38 x 32 cm



Neolítico Express, 2018

tinta acrílica e verniz sobre cerâmica parcialmente esmaltada

acrylic paint and varnish on partially enameled ceramics

37 x 27 x 34 cm



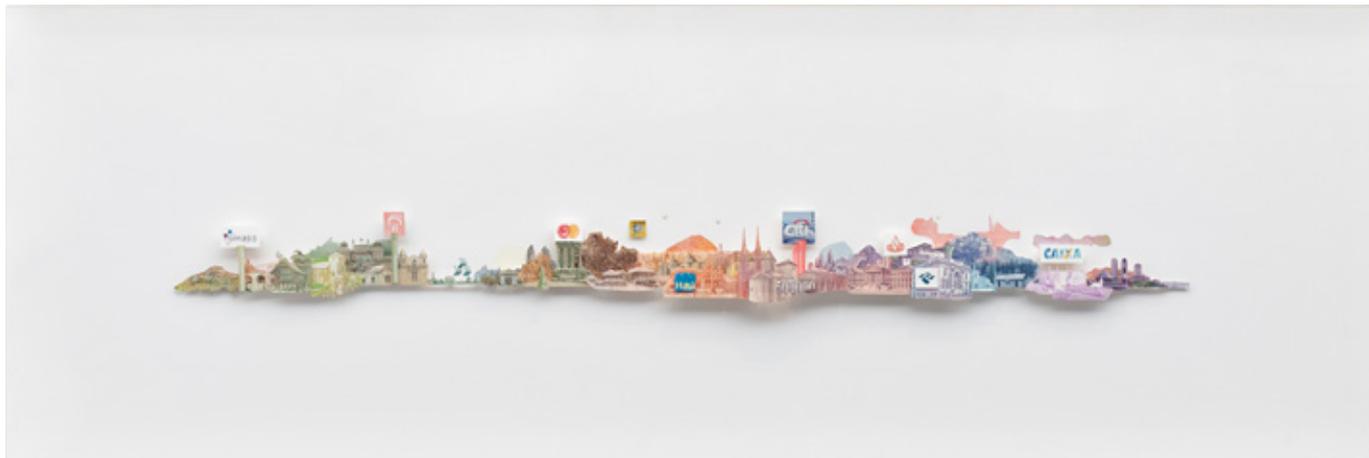


Neolítico Express, 2018

tinta acrílica e verniz sobre cerâmica parcialmente esmaltada

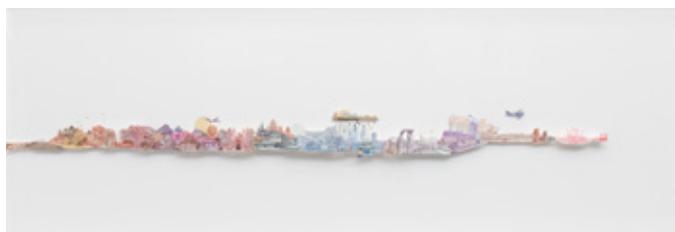
acrylic paint and varnish on partially enameled ceramics

50 x 35 x 35 cm



O bom pagador e a terra prometida, 2018
colagem de cédulas de dinheiro sobre papel algodão
collage of bills on cotton paper
50 x 150 x 10 cm





Se o céu não chora a terra não ri, 2018
colagem de cédulas de dinheiro sobre papel algodão
collage of bills on cotton paper
50 x 150 x 10 cm





A farra do boi, 2018
colagem de cédulas de dinheiro sobre papel algodão
collage of bills on cotton paper
30 x 100 x 10 cm



The works of the Neolítico Express [Neolithic Express] series by Rodrigo Torres establish a curious dialogue with tradition: they recognize through a scrupulous desecration the ambiguity between the intrinsic and extrinsic works that marks our experience with contemporary art. In this case, familiarity with valuable items, in a decorative or museological context, is discussed in a process of rupture with a expected reverent point of view, sure of finding there something whose core emanates a truth and an integral beauty, to be investigated related to a particular development of sculpture in Brazil: the trembling of the bases of an autonomy, from the call of complicity before an intermediate stage in which nothing should be seen as authentic or finished beforehand.

We can think of Oiticica's Bólides [Bolides] from the beginning of the 1960s onwards, and think them as a renewed relationship between the public and the object, between the participant and a work, which is both a sensorial and conceptual device to be activated in a second stage of approximation. He participates in the sense of deepening the optical experience with a layer of sometimes precarious injunctions that culminate in meaningful reconsiderations. And mainly he imagines that there is not a single constructive vector that makes the artist produce an object in a totality that is irreducible, but a process with changes that equalizes the position of everyone on a level. In this process the creator is constituted by an instantaneous mirroring in a creature that claims its place also as an incomplete subject.

More recently, Tunga's Phanógrafos de projeção e deposição [Phanographs of projection and deposition] (2010) have also been structured from a container, Baccarat crystal vessels, contained by articulated boxes that enclose their genesis and implicit functioning. The origin of this phenomenon refers to the understanding of a creative principle that asserts itself in the dream, overcoming problems of the subtraction of material, replacing them with magic encounters with what is given there, as if taking advantage of the vacuum left by the fact of the readymade to be, after all, a piece of pottery that inadvertently appeared in the world of art. In the Phanógrafos, the experimental equation presents itself from the fictional, structures that always carry a second nucleus that radiates color and furtive materiality, since the central object is also not shown in its entirety, and its obscure dimension is filled by the anxiety of combining delicacy and brutality.

Rodrigo's amphorae do not contain, they are not containers, but content partially packed by a wrapping that would distance itself in time from the artifact found by the archaeologist. The minimalist saying on an anodyne cube, that "you see what you see", opens a cycle of questions and answers that are much less tautological: we do not see everything, and the parts are never equivalent, offering the formal balance, fitting it in gravity, in the actual balance of a pot over a bucket, inside a box or on the table.

Produced and finished in his studio at the Bhering Factory in Rio de Janeiro, where sweets were industrialized, far from their Chinese and Greek ancestors, the amphorae demonstrate not only breaking the dome that establishes the work in a special temporality that stands out from the daily life, but also eternalizing the moment in which these two times meet, when we unpack or pack something, when we find something that reinforces metaphysical potentialities of the material, according the lesson of Joseph Beuys. Titles denied by subtitles induce a virtual manipulation that occurs, then, together with the careful observation of the properties of an objectivity that is established in the provisional.

The primordial clay that amalgamates styrofoam, cardboard, adhesive tape, and remnants of liquids already poured or to be poured incorporates the mimicry that covers the painting, which actually coats the pieces and what appears to be the sandpapered cardboard scrupulously sculpted to be similar to the complete version. As if it were in transit, inviolated by someone, wrapped anonymously by another, each one is shown on a neutral pedestal in the gallery in which there is another support: sculpture as a platform for thinking on the preciousness of its incongruity and current fascination.



Rodrigo Torres

Rio de Janeiro - RJ, 1981

Vive e trabalha no Rio de Janeiro. O artista produz através da associação de diferentes técnicas, como pintura, recorte e colagem, impressão fotográfica, e uso de objetos diversos, conseguindo assim seus próprios resultados. Rodrigo se graduou em Pintura pela Escola de Artes Visuais da UFRJ em 2005, dando prosseguimento à sua pesquisa no curso Aprofundamento da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, que concluiu em 2010.

Em 2013 recebeu o Prêmio Itamaraty de Arte Contemporânea, tendo inserido seu trabalho na coleção do acervo do Ministério das Relações Exteriores. Ainda em 2013 entrou para a publicação alemã "The Age of Collage: Contemporary Collage in Modern Art".

Dentre diversas exposições, destacam-se: "Constructedotherness", Latin America Art Show (Londres, 2016); "Apreensão", Casa França Brasil (2016), "A luz que vela o corpo é a mesma que revela a tela", Caixa Cultural (RJ, 2016); "Vértice", Centro Cultural Correios (RJ, 2016); "Trompe l'oeil", SIM Galeria (2015), Frestas - Mostra Trienal de Artes, SESC Sorocaba, São Paulo (2014); "Fogo Fátuo", SIM Galeria (Curitiba, 2013); "O elogio da vertigem", Maison européenne de la photographie (Paris, França/2012); "Um convite à viagem", Paço Imperial (RJ, 2012); "Arquivo Geral" (Centro Carioca de Design/RJ, 2010); "Sobre Ilhas e Pontes" (Cândido Portinari Gallery/ UERJ, 2010); "12º Salão de Itajaí" (Pavilhão Centreventos/SC, 2010); "16º Salão UNAMA de pequenos formatos", prêmio de aquisição (Belém/ PA, 2010); "Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia" (museu UFBA/ Belém, 2010).

Lives and works in Rio de Janeiro, Brazil. the artist produced by combining different techniques such as painting, cutting and collage, photo printing, and the use of various objects, thus achieving their own outcomes. Graduated in Painting by the School of Fine Arts of UFRJ in 2005. Rodrigo concluded the In Depth Studies course at the School of Visual Arts of Parque Lage in 2010. From 2006 to 2010 was artist Luiz Zebrini's assistant.

In 2013 he received the Foreign Ministry Prize for Contemporary Art having entered their work in the collection of the library of the Ministry of Foreign Affairs. Also in 2013 joined the German publication "The Age of Collage: Contemporary Collage in Modern Art."

Among his exhibitions, the following can be highlighted: "Constructedotherness", Latin America Art Show (Londres, 2016); "Apreensão", Casa França Brasil (2016), "A luz que vela o corpo é a mesma que revela a tela", Caixa Cultural (RJ, 2016); "Vértice", Centro Cultural Correios (RJ, 2016); "Trompe l'oeil", SIM Galeria (2015), Frestas - Mostra Trienal de Artes, SESC Sorocaba, São Paulo (2014); "Fogo Fátuo", SIM Galeria (Curitiba, 2013); "O elogio da vertigem", Maison européenne de la photographie (Paris, França/2012); "Um convite à viagem", Paço Imperial (RJ, 2012); "Arquivo Geral" (Centro Carioca de Design/RJ, 2010); "Sobre Ilhas e Pontes" (Cândido Portinari Gallery/ UERJ, 2010); "12º Salão de Itajaí" (Pavilhão Centreventos/SC, 2010); "16º Salão UNAMA de pequenos formatos", prêmio de aquisição (Belém/ PA, 2010); "Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia" (museu UFBA/ Belém, 2010).



curitiba

al. presidente taunay 130 a
80420-180 | curitiba | brasil
+55 41 3322-1818

são paulo

rua sarandi 113 a
01414-010 | são paulo | brasil
+55 11 3062-8980

info@simgaleria.com
simgaleria.com